
A REVITIMIZAÇÃO SOFRIDA PELA MULHER BRANCA, CLASSE MÉDIA, QUANDO A VIOLÊNCIA DA QUAL É VÍTIMA É RETRATADA PELA MÍDIA: OS CASOS DANIELLA PEREZ E MAYARA AMARAL

Romyna Lanza*

RESUMO: O presente artigo se propõe a verificar como o assassinato de mulheres é retratado por alguns dos principais veículos de comunicação do país. O gênero terá como recorte a branquidade e a classe média. Assim, o artigo irá apresentar a análise de dois crimes que marcaram a mídia nos anos 1990 – Daniella Perez – e no ano de 2017 – Mayara Amaral. Ambas foram vítimas não só da violência do ato do assassinato em si, mas também da forma com que a mídia explorou os casos, expôs suas imagens, distorceu as versões dos crimes, dando espaço para que os assassinos expusessem histórias que lhes beneficiassem, tornando-os vítimas, em vez de algozes. Trazer essa análise à tona é fundamental para problematizar e questionar as formas como a mídia tem noticiado e repercutido a violência contra a mulher, com seu alcance e poder de influência sobre a opinião pública, incentivando o machismo e a misoginia que vitimam dez mulheres, no Brasil, a cada 24 horas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; violência; mulher; revitimização; imagem; desconstrução.

ABSTRACT: This article proposes to verify how some of the main communication vehicles of the country portray the murder of women. The genre will have as a clipping the Whiteness and the middle class. Thus, this article will present an analysis two crimes that marked the media in the 1990s – Daniella Perez – and in the year 2017 – Mayara Amaral. Both were victims not only of the violence of murder itself, but also of the way the media has explored the cases, exposed their images, distorted the versions of the crimes, giving space for the killers to expose stories that would benefit them, turning them into victims, instead of executioners. Bringing this analysis to evidence is fundamental to problematize and question the ways in which the media has reported and passed on the violence against women, with their reach and power of influence over public opinion, encouraging the machismo and misogyny that victimize ten women in Brazil, every 24 hours.

KEYWORDS: media; violence; woman; revitimization; image; deconstruction.

Índice	
Introdução	2
1 Desenvolvimento	4
1.1 Breve Histórico das Três Ondas Feministas	4
1.2 Caso Daniella Perez	5
1.3 Caso Mayara Amaral	10
Conclusão	13
Referências	14

*Jornalista, especialista em Cidadania e Direitos Humanos no Contexto das Políticas Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Introdução

ESSE artigo pretende analisar como mulheres que sofrem violência são vitimizadas também pela mídia brasileira, ou seja, são revitimizadas. Para tanto, apresentará uma análise sobre a forma como os principais veículos da mídia de cada época trabalharam dois casos, Daniella Perez e Mayara Amaral, desconstruindo a imagem de ambas, ao mesmo tempo em que deram espaço aos seus assassinos.

No Direito Penal, é comum o uso das expressões “vitimização” e “revitimização”. A vitimização acontece quando a vítima sofre a violência em si, como, por exemplo, estupro, espancamento ou assassinato. Já a revitimização acontece nas instituições – delegacias, fóruns, Ministério Público –, quando autoridades, que deveriam acolher as vítimas, conduzem, de forma dolorosa, interrogatórios que as obrigam a reviver toda a dor do ato por que passaram (Vasconcelos & Augusto, 2015).

Um exemplo recente de revitimização aconteceu com a vítima do estupro coletivo, em 21 de maio de 2016, numa comunidade da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A vítima tinha 16 anos na época do crime e, segundo as primeiras versões do caso, foi violentada por cerca de 30 homens. O vídeo da violência sexual foi divulgado nas redes sociais. A vítima estava nua e dopada. Os estupradores estavam armados com pistolas e fuzis e riam da situação. O vídeo não mostrava quantos estupradores eram, ao certo. O caso teve repercussão em alguns dos principais veículos de informação do Brasil, em que a adolescente foi revitimizada também pela mídia, quando o discurso do delegado foi reproduzido e a adolescente teve sua imagem desconstruída. Ela havia “provocado o crime”. “O próprio delegado me culpou. Ele perguntou se eu tinha o costume de fazer isso, se eu gostava de fazer isso [sexo com vários homens]”, contou a vítima, na época ao Fantástico (Globo, 2016). Segundo o G1, de 26/05/2016, “ela admitiu que faz uso de drogas” ou “ela costuma ir para comunidades desde os 13 anos e, às vezes, passa alguns dias sem dar notícias” e ainda “a jovem é mãe de um menino de 3 anos”. Sobre os estupradores, a reportagem não assinada disse apenas que havia um suspeito. As reportagens dos principais veículos do Rio na época – G1, O Dia e O Extra – continuaram a seguir o mesmo padrão de condenar a vítima, quando os suspeitos foram identificados, e traçaram um perfil positivo sobre os criminosos:

“Jogador presta mais esclarecimentos sobre caso de estupro coletivo no Rio – Atleta deixou a Dcav por volta das 12h30 desta quarta-feira (8). Lucas Perdomo chegou a ser preso, mas foi solto por falta de provas”, trouxe o G1 de 08/06/2016, sobre o estuprador, numa reportagem assinada por Fernanda Rouvenat.

Esse exemplo e os outros dois casos que serão analisados neste artigo apontam para a forma como as reais causas da motivação do crime são distorcidas e como a imagem da vítima é desconstruída. Retrata-se a vítima como “amante” ou “prostituta”, figuras historicamente rejeitadas pela moral social, aquelas que seduzem os homens e os induzem a praticar o crime.

Margareth Rago (2016, p. 17) expõe como a sociedade brasileira percebe as prostitutas:

Quando você dirige mal no trânsito e um homem vai te xingar, ele não fala “você dirige mal, barbeira”, ele fala “puta”. Quando uma pessoa quer xingar a gente, é puta! E puta, como eu falei pra vocês, está ligada a podre, putrefação, podridão. Então, a estigmatização é muito violenta. Pensem nesses rapazes de Brasília, de quem, de vez em quando, se tem notícias, que jogam gasolina numa mulher e põem fogo no corpo dela. Vocês viram essa história? Eles jogaram gasolina numa mulher e puseram fogo, e aí descobriram que ela não era puta, que era empregada doméstica, e aí eles ficaram em crise, arrependidos. Eu fiquei pensando nisso do seguinte modo: quando acontece isso, a pessoa está olhando para uma prostituta e está enxergando o que? Uma aranha? É o imaginário, ele está enxergando um inseto em que pode pisar e esmagar. Você olha para uma prostituta e vê uma mulher normal, sensualizada ou não, sei lá o que, mas ele certamente não está vendo uma mulher, ele está vendo um inseto.

A análise, neste artigo, de como as mulheres brancas classe média assassinadas sofrem também a violência nos meios de comunicação, foi desenvolvida a partir de pesquisas em reportagens ou artigos disponíveis em alguns dos principais veículos de comunicação do país.

A extinta revista *Amiga TV Tudo*² foi o principal foco de análise, no caso Daniella Perez, de-

² A “Amiga TV TUDO” foi uma revista do grupo Bloch Editores, com periodicidade semanal, que circulou entre os anos de

1970 e 1999. A revista focava o universo das celebridades e os bastidores da TV, em especial, das telenovelas.

vido ao extenso espaço que o veículo dispensou ao crime. Foi realizada ainda uma breve análise sobre o primeiro programa de televisão totalmente dedicado ao caso, o Globo Repórter, de 3 de janeiro de 1993, que foi ao ar dias após o assassinato, a fim de se demonstrar como a maior emissora de TV do país, que empregava a atriz na época, a retratou.

No caso Mayara Amaral, foram abordadas reportagens da Rede Globo (sucursal Mato Grosso do Sul, onde aconteceu o crime) e da Folha de S. Paulo, para identificar como a imagem da vítima foi inicialmente apresentada ao público, de forma deturpada e desconstruída. Em seguida, este artigo traz matérias da Revista Cláudia, HuffPost Brasil e El País Brasil, que serviram como contraponto à Folha e à Globo, ao reconstruir a imagem de Mayara perante a opinião pública.

Em ambos os casos, foram apresentados programas que abriram espaço aos assassinos de Daniella e de Mayara, a fim de compreender a diferente forma como esses veículos retrataram a mulher vítima e o homem criminoso. No caso Daniella Perez, os programas focados foram Ratinho (SBT), Marcelo Rezende (Record) e Fantástico (Globo). A Veja foi escolhida, no caso Mayara Amaral, pelo grande espaço, em suas páginas, que deu ao acusado.

A escolha do gênero e do recorte raça e classe, inicialmente, deu-se devido ao local de fala³ desta pesquisadora: mulher branca classe média⁴ que, em grande parte das vezes, ganham repercussão nos grandes veículos de comunicação de circulação nacional – Globo, Extra, O Dia, Record, Grupo Band, SBT, CBN e outros do mesmo porte. O mesmo não acontece em relação às mulheres negras, que são, invisibilizadas na mídia, devido ao desvalor que lhes é conferido. “A mídia fala de feminicídio quando uma mulher branca é assassinada”, diz Werneck (2017, p. 153). É importante destacar que, enquanto uma mulher branca é assassinada, três mulheres negras também são, e a mídia não noticia tais mortes (Werneck, 2017).

Sobre o tema central deste artigo – retrato na

³ Local de fala “é um mecanismo que surgiu como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de debate público. Ele é utilizado por grupos que historicamente têm menos espaço para falar. Assim, negros têm o lugar de fala – ou seja, a legitimidade – para falar sobre o racismo, mulheres sobre o feminismo, transexuais sobre a transfobia e assim por diante” (Dias, Moreira, 2017).

⁴ Alguns dos casos mais famosos de grande repercussão na mídia: Nos anos de 1980, Ângela Diniz, socialite mineira, foi assassinada pelo companheiro Doca Street. O assassinato desen-

mídia da mulher branca assassinada –, trazer a discussão à tona se faz necessário, devido à grande influência, principalmente da televisão, na formação da opinião pública.

É preocupante o papel que a mídia exerce sobre a população, num país com altíssimos índices de violência contra a mulher, ao culpabilizar a vítima pelo crime que sofre. A desconstrução da imagem da mulher e a culpabilização pelo próprio crime do qual é vítima só incentivam o machismo, a misoginia e promove novos crimes de violência doméstica e de violência sexual, em que a mulher é subjugada ao domínio masculino. Para Livia Perez, diretora do documentário “Quem matou Eloá?”, o retrato da mulher vítima da violência na mídia leva o país a uma posição nada desejada no ranking de países que mais matam mulheres no mundo. Segundo Perez (2016):

Eu pesquisei muito para fazer esse documentário, vi muitas reportagens sobre violência doméstica e na maioria das vezes se fala sempre sobre ciúmes, o padrasto que matou a enteada por ciúmes, o ex-namorado, o marido enciumado, é muito parecido, o que me leva a crer que a forma como a mulher é retratada na mídia brasileira influencia sim a posição do Brasil como o quinto país que mais mata mulher no mundo.

Tem-se, ainda, a questão da concessão pública para as rádios e TVs. Entre os princípios norteadores previstos no artigo 221 da Constituição de 1988, que regem a concessão da TV, um dos veículos focos deste artigo, está o “respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família” (Brasil, 1988). Ao desvirtuar a imagem das vítimas e, consequentemente, apresentar versões distorcidas dos crimes, a mídia não cumpre seu papel.

Dá outro ponto importante que deve ser discutido para cobrar dos veículos de comunicação responsabilidade quanto à veiculação das notícias sobre violência contra as mulheres.

No item 2.1, será apresentada uma breve análise sobre a luta feminista no Brasil e as três ondas

cadeou a campanha “Quem ama não mata”. Uma minissérie televisiva e pichações em muros pelo país deram o tom do protesto. Pouco adiantou. Ângela teve a vida exposta, devastada, com ênfase nos diversos casos amorosos. Em 1979, Doca Street foi julgado e condenado a dois anos. Com o *sursis*, pode cumprir a pena em liberdade. Só em 1981, com a pressão dos movimentos feministas, devido à pena branda, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro anulou o julgamento e o acusado, finalmente, foi condenado a 15 anos (Cortecertu, 2016).

que a marcam. O item 2.2 trará o caso Daniella Perez e como a mídia impressa e a TV o exploraram. O tratamento dado é repleto de ambiguidades, retratando uma Daniella amante, prostituta e, ao mesmo tempo, santa milagreira. Logo em seguida, no item 2.3, o caso Mayara Amaral, a jovem mestranda em Música, retratada, por alguns dos principais veículos de comunicação, como uma jovem solteira, com a vida voltada estritamente para o sexo e para o lazer. A escolha das fotos por esses veículos ignora a Mayara estudante, profissional, irmã e filha. O local do assassinato – um motel – contribui para deturpar ainda mais a real versão do assassinato e a imagem da Mayara.

1 Desenvolvimento

1.1 Breve Histórico das Três Ondas Feministas

Antes de se adentrar nos casos Daniella Perez e Mayara Amaral, é importante fazer um breve histórico sobre a evolução da luta feminista, tradicionalmente periodizada em três grandes momentos, também conhecidos como as três ondas. Isso porque a terceira onda – iniciada nos anos 1990 e que persiste até os dias de hoje – tem como um dos focos o tema abordado neste artigo, qual seja, a forma como as mulheres são retratadas pela mídia.

A primeira onda, desencadeada no início do século XIX, teve suas reivindicações concentradas, principalmente, no sufrágio e na independência para o trabalho (Ribeiro, 2014).

Ribeiro (2014) cita como um dos grandes nomes dessa primeira fase do movimento feminista brasileiro Nísia Floresta, nascida em 12 de outubro de 1810, pensadora influenciada pelo filósofo Augusto Comte. Nísia entendia as mulheres como importantes figuras sociais, dotadas de “identidade positiva”, fundamentais para o crescimento das sociedades.

Outro fato marcante da primeira onda foi a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundamental para a garantia do voto, para o direito de a mulher ser votada e para o trabalho fora de casa, sem a autorização do marido (Ribeiro, 2014).

A segunda onda só teve início nos anos 1970, quando o Brasil estava em plena ditadura militar. Entre as principais pautas, além da luta contra a ditadura, estavam a luta pela valorização do trabalho da mulher, a conquista da liberdade sexual e o combate à violência sexual. O primeiro grupo feminista brasileiro de que se tem notícias, con-

forme Ribeiro (2014), foi formado, predominantemente, por professoras universitárias. “Em 1975 formou-se o Movimento Feminino pela Anistia. No mesmo ano, surge o jornal *Brasil Mulher*, editado primeiramente no Paraná e depois transferido para a capital paulista e que circulou até 1980”, disserta Ribeiro (2014).

A partir dos anos 1980, surge a terceira onda feminista, que se estende até os dias atuais. De acordo com Consolim (2017), nessa fase, o movimento rediscute suas ações e se aprofunda nos temas já debatidos nas fases anteriores, como o papel da mulher na sociedade.

Ainda conforme Consolim (2017), “o objetivo passou a ser o reconhecimento de diversas identidades femininas e o abandono da ideologia do ‘feminismo vítima’, aplicada ao feminismo da segunda onda, em uma interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade”.

A interseccionalidade ganhou força e, em 1994, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher adotou a “Convenção de Belém do Pará” como resposta à situação de violência contra mulheres existentes na América. Isso significou um avanço na luta contra a violência de mulheres vulneráveis, levando em conta, especialmente, sua raça, etnia ou condição de migrante, refugiada ou deslocada. Desde então, foi considerada também, sua condição de gestante, deficiente, menor, idosa ou situação socioeconômica (Consolim, 2017).

Consolim (2017) ainda destaca a luta, na terceira onda, contra a imagem das mulheres da mídia e da linguagem adotada para defini-las.

Sobre isso, disserta Azevêdo (2011, p. 4):

Embora seja atualmente evidente a preocupação dos grupos feministas com o mau uso da imagem das mulheres nas mídias, levantando fortemente a questão dos usos do corpo e construção da corporeidade feminina nos anúncios publicitários (Funk & Widholzer, 2005, p.11), ainda é pouco comum um olhar interpretativo orientado a cobertura dos casos de violência contra a mulher e demais temáticas feministas, com foco no jornalismo, ainda que diversas e complexas sejam as situações em que as mulheres apareçam pautadas pela imprensa.

Continua Azevêdo (2011, p. 4):

Historicamente é através da ocupação do espaço público que o movimento organizado de mulheres vem, ao longo das ondas feministas, problematizando a condição feminina. Neste trajeto, as mídias, e, em particular, o jornalismo, vem acompanhando as mudanças provocadas por este segmento da sociedade, tanto como espaço que constrói a visibilidade de suas reivindicações e conquistas, quanto instituição social que interage com diferentes atores sociais.

O caso Daniella Perez e Mayara Amaral, como se verá nos próximos itens, exemplificam bem por que a necessidade de as feministas lutarem contra os retratos das mulheres na mídia e a linguagem utilizada para caracterizá-las e defini-las.

1.2 Caso Daniella Perez

No horário nobre da Rede Globo, a novela “De corpo e alma” trazia no elenco a atriz Daniella Perez. Como par romântico da personagem Yasmin, encenado por Daniella, o ator Guilherme de Pádua, que fazia o papel de Bira. A história do casal de personagens era marcada por ciúmes e pelo temperamento explosivo do personagem masculino.

No dia 29 de dezembro de 1992, os principais jornais do país estampavam nas capas a história do assassinato de Daniella. Segundo denúncia do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (1993), Guilherme de Pádua e sua esposa Paula Thomaz, no dia anterior, 28 de dezembro, por volta das 21h30, num local ermo, próximo ao Condomínio Beira-Mar, na Barra da Tijuca, com instrumento “pérfiro-cortante”, desferiram contra Daniella inúmeros golpes que, “por sua natureza e sede”, causara sua morte. O laudo pericial da denúncia atestou que o instrumento “pérfiro-cortante” tratava-se de uma tesoura, com a qual foram desferidos 18 golpes contra a vítima (MPRJ, 1993).

Ainda conforme a denúncia, assinada pelos promotores José Muinos Pineiros Filho, Luiz Otávio de Freitas e Maurício Assayag, Guilherme teria assassinado Daniella por motivação “torpe”, para satisfazer os caprichos da esposa Paula Thomaz, “com quem mantinha relação conjugal obsessiva, consistente em exacerbado sentimento recíproco de posse”. Paula Thomaz, por sua vez, prestou “auxílio moral” ao marido, “encorajando-o com sua presença solidária” (MPRJ, 1993).

Parte dessa versão tomou a mídia, porém acrescida dos depoimentos de Guilherme de Pádua

que dizia que o ciúme de Paula era motivado porque Daniella Perez o teria assediado e se tornado sua amante.

O assassinato de Daniella Perez tomou as manchetes dos principais veículos brasileiros. Daniella, branca, atriz em pleno auge da carreira, contracenava com seu assassino, Guilherme de Pádua, numa novela de autoria da sua mãe, Glória Perez, no horário nobre da principal emissora de TV do país, a Rede Globo. O país parou em comoção.

Contudo, nem Daniella escapou de ser vítima da mesma mídia que a alçou ao estrelato: para a mídia, Daniella foi vítima de assassinato pelo fato de ser amante do homem que a matou e por despertar o ciúme da esposa do assassino. Ao mesmo tempo, Daniella foi canonizada por esta própria mídia, que motivou os fãs a fazer romarias em seu túmulo. A violência do paradoxo e do sensacionalismo tornou Daniella vítima também da mídia.

No dia 30 de dezembro de 1992, a revista Amiga TV Tudo, uma das mais vendidas na época, trouxe uma edição especial sobre o caso. Na capa, a manchete: “O crime que fez o Brasil chorar. A brutal morte de Daniella Perez”. Ilustrando a capa, a foto do casal Yasmin e Bira abraçados, vítima e assassino, numa total contradição à manchete.



Figura 1. Daniella e Guilherme abraçados ilustram capa da revista um dia após o crime

Fonte: AMIGA TV TUDO, 1992

As páginas internas da revista contradiziam o sensacionalismo da capa. Nelas, a vida familiar da atriz com o marido Raul Gazolla: “Daniella Perez e Raul Gazolla viviam um sonho de amor. Felizes, buscavam juntos a realização de projetos profissionais e planejavam para este ano um espetáculo no qual apareceriam juntos pela primeira vez”, dizia o

texto que ilustrava a foto no qual o casal se entreolhava apaixonado. Na foto da página seguinte, Daniella aparecia sozinha, de camiseta e short, numa foto em que transparecia sua doçura. O título em destaque: “Daniella Perez, enchendo a vida de música e de dança” (AMIGA TV TUDO, 1992).



Figura 2. A vida familiar de Daniella é exposta nas capas internas da revista

Fonte: AMIGA TV TUDO, 1992



Figura 3. velório e comoção dos amigos e familiares
Fonte: AMIGA TV TUDO, 1992

À cobertura do velório e do enterro e à comoção dos amigos, do Raul Gazolla e da mãe Glória Perez, também foram reservadas as páginas centrais da revista (AMIGA TV TUDO, 1992).

As duas edições seguintes da revista também tiveram suas capas dedicadas ao caso. A revista de 12 de janeiro de 1993 apresentava uma Daniela serena na capa, vestida com uma camisa branca, pouca maquiagem, apenas um batom cor-de-rosa mais forte se destacando.

As páginas internas enfocavam o crime, traçavam o perfil do criminoso, ressaltavam a revolta dos fãs, dos colegas de elenco da novela “De corpo e alma”, na qual Daniella atuava à época do assassinato, apresentavam uma entrevista com Glória Perez. Nas fotos, o corpo da atriz morta, a atriz criança, a atriz com vestido curto, decotado, recortado por rendas quase que transparentes e, na página central, um pôster da atriz de short e top preto bordado.



Figuras 4 e 5. Daniella em roupas que a sexualizam na edição de 12 de janeiro de 1993
Fonte: AMIGA TV TUDO, 1993

Na capa da edição seguinte, em 19 de janeiro de 1993, Daniella aparecia com o mesmo short e o mesmo top do pôster da edição anterior. Nas páginas internas, a tentativa de canonizá-la. Dizia o título: “Daniella Perez, uma santa para os fãs em busca de milagres” (Revista AMIGA TV TUDO, 1993).

Como atriz, a imagem de Daniella foi explorada de todas as formas, como santa e como amante/prostituta, duas representações totalmente ambíguas para a sociedade. Daniella foi julgada, absolvida e condenada ao mesmo tempo pela mídia, pelo público, pelo júri e pelos assassinos.



Figura 6. Tentativa de canonização da Daniella
Fonte: AMIGA TV TUDO, 1993

Na Rede Globo, emissora em que Daniella trabalhava, um Globo Repórter especial sobre o caso foi produzido, em 3 de janeiro de 1993. Uma testemunha que passava pelo local na hora do assassinato foi entrevistada pelo programa e afirmou ter visto Paula Thomaz assassinando a atriz: “pela fotografia que vi no Globo, era Paula; Guilherme, não vi”. O programa também destacou que a motivação do crime, segundo a polícia, teria sido o ciúme da Paula Thomaz (GLOBO REPÓRTER, 1993).

Tanto as reportagens das revistas quanto dos telejornais foram assinadas por repórteres de ambos os sexos. Como o caso teve grande repercussão, os veículos disponibilizaram todo o recurso humano para a cobertura, sem se preocupar com o gênero.

Guilherme de Pádua foi condenado a 19 anos de prisão, em 1993, e saiu da cadeia em 1999. Desde então, ganha destaque na mídia e nas redes

sociais. “Guilherme de Pádua, livre há sete anos, diz se sentir preso”, diz a Folha de 15 de outubro de 2006, numa matéria assinada por Paulo Sampaio, no caderno Cotidiano, que retrata como sua vida foi arrasada após o assassinato da atriz, ignorando a irreversibilidade da vida de Daniella.

O apresentador Ratinho, do SBT, em 8 de abril de 2010, dedicou quase uma hora do programa a uma entrevista com um Guilherme emocionado, abatido e arrependido. O mesmo aconteceu no programa de Marcelo Rezende, no Domingo Espetacular, da Rede Record, em 9 de dezembro de 2012.

Nem mesmo a Globo, que defendeu a condenação de Pádua, deixou de dar espaço para a autodefesa do assassino, durante o programa Fantástico, em 15 de novembro 2007, numa entrevista à repórter Glória Maria. Em todos os programas acima citados, a culpa incidiu sobre Paula Thomaz.

Enquanto isso, Paula Thomaz caiu no ostracismo.

cismo. Pouco se tem notícias dela. Ao jogar seu nome no site de pesquisas Google, poucos são os resultados. Há uma notícia do G1, de 23/12/2012, com o título “Após ser solta, Paula Thomaz se tornou aluna de quem a acusou”, assinada por Carla Rocha, em que Paula se restringe a dizer “Este assunto está morto e enterrado para mim. Não dou entrevista. É uma questão de respeito. Eu cumpro com o meu dever”.

Outra matéria, do O Dia, editoria “Gente”, sob o título “‘Ele é um grande manipulador’, diz ex-

mulher de Guilherme de Pádua”, de 11/08/2015, da repórter Renata Reif, dia em que Daniella completaria 45 anos, fala apenas sobre o término do relacionamento de Paula e Guilherme e da face manipuladora e opressora de Guilherme. A matéria se inicia com as fotos de Daniella na infância e uma declaração forte da mãe da atriz, Glória Perez: “Para os dois psicopatas (Guilherme de Pádua Thomaz e Paula Thomaz), saiu barato”. (O Dia, 2015).



Figura 7. Daniella na infância e na juventude
Fonte: IG, 2015.

As poucas palavras de Paula, nas matérias, destacam: “ele (Guilherme) é um grande manipulador e consegue o que quer” [...] “O Guilherme é também um ator na vida real.” [...] “Eu tinha 22 anos e durante o tempo em que estivemos casados abri mão da minha vida por ele. Não me sentia cuidada, houve negligência por parte dele.”

Paula Thomáz se tornou hoje Paula Nogueira Peixoto. Na única foto, retirada do seu Facebook para ilustrar a matéria, ela estava irreconhecível, assim como o seu novo nome. Nessa foto, Paula aparece em contato com animais e sorrindo, uma imagem que a distancia da assassina conhecida nacionalmente. A identidade e a imagem da assassina de Daniella Perez, incessantemente divulgadas nos anos de 1990, haviam sido apagadas pela própria Paula. Isso explica o ostracismo de Paula Thomaz. A opção, pelo que se depreende, parte dela.



Figura 8. Paula Thomáz, irreconhecível

Fonte: IG, 2015

O caso Daniella Perez teve consequências para a legislação brasileira. Devido à comoção nacional, à repercussão e à pressão dos movimentos feministas, Glória Perez colheu 1,3 milhão de assinaturas e aprovou a primeira emenda popular da história do país que tornou o homicídio qualificado crime hediondo (Pinho, 2009).

1.3 Caso Mayara Amaral

Mayara Amaral foi dada como desaparecida numa segunda-feira, 24 de julho de 2017. Um dia depois (25/07), seu corpo foi encontrado carbonizado num matagal. O crime, praticado por três homens, num motel, que teve claramente como motivação o ódio do gênero – feminicídio –, estava sendo conduzido pelas autoridades como latrocínio, roubo seguido de morte. Essa também foi a versão da imprensa, que, em nenhum momento, trouxe as palavras “feminicídio” ou “estupro” no início da cobertura.

“Mayara Amaral, 27 anos, foi morta a marteladas em motel antes de ter o corpo queimado e jogado em estrada. Três suspeitos foram presos por latrocínio”, trouxe o “Bom Dia, MS” de 27/07/2017. A matéria, da editoria de Polícia, foi assinada pela repórter Michelle Machado e trouxe depoimentos do delegado e do pai da musicista assassinada. Diz o texto: “Ele (o assassino Luís) teria atraído a vítima (para o motel), com a promessa de um encontro, e levou Ronaldo junto. Após terem se relacionado com a ela, a dupla cometeu o assassinato com golpes de martelo.” O texto não mencionava a palavra estupro em nenhum momento.

A editoria Cotidiano, da Folha de S. Paulo, de 29/07/2017, trouxe na reportagem “Assassinato de

jovem professora a marteladas choca MS e 3 são presos”, assinada por Sílvia Frias, o texto: “[...] os três homens presos vão responder por latrocínio e ocultação de cadáver [...]”. Pela primeira vez, a grande imprensa mencionou “estupro” e “feminicídio”, porém salientou que, para o delegado do caso, “o estupro não está descartado e pode ser [grifo nosso] incluído no relatório final da polícia”, reforçando a ideia de dúvida quanto à efetivação da violência sexual. As fotos expostas foram retiradas do perfil da vítima no Facebook. Todas retratavam Mayara como uma jovem solteira.

Mayara aparece sempre vestida para o lazer, com o batom vermelho em destaque, assim como os decotes e os ombros de fora. Em uma das fotos, Mayara aparece com uma camisa azul, batom vermelho bem ressaltado e ombros totalmente de fora, com a imagem mais próxima da hiperssexualização. Nenhuma foto apresentou a Mayara estudante de Mestrado em música, a Mayara musicista ou a Mayara com seus familiares.

Para se compreender o que significa a representação da mulher na mídia, é importante destacar a explanação de Cruz (2008) no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), na UFBA:

O discurso é uma prática social atribuída de significados e que só tomam forma e se constroem em relação a um contexto sociocultural e histórico, que envolve relações de poder e ideologia. A partir da abordagem de gênero podemos discutir a construção do masculino e do feminino, e principalmente das relações que se efetuaem entre homens e mulheres dentro da nossa sociedade. Como toda ação, os dis-

ursos são maneiras dos agentes sociais atuarem no mundo e, igualmente sobre os outros, além de serem uma forma de representação, ou seja, uma significação da realidade, instituindo e construindo a realidade através de significados. Em um movimento relacional dialético, os discursos são marcados pelas estruturas sociais e, as estruturas sociais produzem os discursos. A análise Crítica do Discurso parte do estudo da transmissão e na legitimação de ideologias sexistas e/ou racistas, valo-

res e doutrinas que colaboram para a naturalização de discursos particulares como sendo universais, a respeito daquilo que é “normal” ou “essencial” no momento de definir um grupo social. Essa ideologia construída nos discursos é geralmente a do branco, masculino, ocidental, de classe média ou superior, e estão imbuídas posições que veem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, inferiores e subservientes (Cruz, 2008, p. 151)



Figuras 9, 10 e 11. Essas são as principais fotos expostas pela imprensa, em que Mayara é retratada como jovem que vive exclusivamente para o lazer, sem vida familiar, acadêmica ou profissional

Fonte: Facebook pessoal de Mayara Amaral, 2017

Para quebrar o discurso dominado pela versão de latrocínio e sexo consensual, foi necessário que Pauliane Amaral, irmã de Mayara, escrevesse a versão da família para os fatos, nas redes sociais. E aí tem-se uma novidade em relação ao caso Daniella Perez: as redes sociais, como opção à imprensa. Em seu perfil no Facebook, Pauliane Amaral (2017) analisou:

Quando escrevem que Mayara era a “mulher achada carbonizada” que foi ensaiar com a banda, ela está em uma foto como uma menina. Quando a suspeita envolvia “namorado” hipersexualizam a imagem dela. Quando a notícia fala que a

cena do crime é um motel, minha irmã aparece vulnerável, molhada na praia. Quando falam da inspiração de Mayara, associam-na com a história do pai e avô e a foto muda: é ela com o violão, porém com sua face cortada. Esse tipo de tratamento não representa quem minha irmã foi. Isso é desumanização.

Pauliane Amaral (2017) também realçou o fato de que as palavras “estupro” e “femicídio” não apareceram uma só vez nas reportagens, apesar das evidências das investigações terem apontado para tais crimes. E ainda protestou contra a propagação de mentiras, como a versão de “sexo consensual”,

sendo que Mayara foi encontrada apenas de calci-

na, com o crânio esmagado pelas marteladas e o corpo carbonizado.



Figura 12. Montagem feita por Pauliane Amaral de manchetes sobre o caso em seu Facebook

Fonte: Facebook de Pauliane Amaral, 2017

O depoimento de Pauliane despertou a atenção de jornalistas ligadas a três grandes veículos de comunicação: María Martín, do El País Brasil, Patrícia Zaidan, da Revista Cláudia, e Marcella Fernandes, do HuffPost Brasil.

A Revista Cláudia, de 28 de julho de 2017, na editoria de Notícias, exibiu em sua manchete a brutalidade do crime: “Três homens contra Mayara Amaral. Ela está morta. Carbonizada”. E não poupou polícia e imprensa: “A polícia embarca na versão dos agressores, investiga como latrocínio e desconsidera a hipótese de feminicídio. O jornalismo erra junto com ela”.

No texto, as críticas à cobertura continuaram:

as notícias induziam à versão de uma Mayara que topou uma balada pesada com os estupradores, deu brechas para o triste fim. A escolha de fotos dela para ilustrar jornais físicos e digitais recaiu na linha batom vermelho ou em poses que, no contexto, tentam conferir contornos de frivolidade, volúpia e erotização. Fora dele, as fotos são de uma mulher como todas nós. Uma brasileira comum (Revista Cláudia, 2017).

A reportagem exhibe, como foto ilustrativa, a Mayara musicista, contrapondo a Mayara apresentada nas matérias dos veículos criticados pela Revista.

O HuffPost Brasil, de 30 de julho de 2017, na sua editoria Mulheres, apresentou a versão da Promotoria logo no subtítulo, destacando a resistência do Sistema de Justiça Criminal em tratar crimes de gêneros: “Existe uma relutância de assumir que a mulher foi morta por sua condição de mulher”, diz a promotora de Justiça Gabriela Mansur”. A matéria tem como tom a importância de se debater o feminicídio no Brasil. A foto ilustrativa é a mesma da Revista Cláudia, a Mayara musicista, com o mesmo objetivo.

O El País, de 30 de julho de 2017, que possui, entre suas editorias de destaques, a Violência de Gênero, o Feminicídio e a Violência contra a Mulher, denunciou o descaso do tratamento da imprensa com a vítima e seus familiares:

O caso poderia ser mais um assassinato num país que mata 13 mulheres por dia, segundo o Atlas da Violência 2016, mas Mayara foi morta duas vezes. Uma pelos seus algozes e outra pelo tratamento

do seu caso nos jornais locais nos quais o depoimento dos suspeitos teve mais manchetes que os da família (El País, 2017).

A partir de então, outros veículos passaram a corrigir o enfoque, ao noticiar o crime. Porém, a revista de maior circulação do Brasil, a *Veja*, de 15 de agosto de 2017, com a manchete “A confissão do assassino de Mayara: ‘Fui movido pelo ódio’”, abriu espaço nas suas páginas para apresentar a versão do principal acusado do crime. A entrevista foi realizada pelo repórter Ulisses Campbell (Veja, 2017).

Na foto, o assassino de nome Luís Alberto Bastos Barbosa aparece com os cabelos raspados, corpo nu da cintura para cima, rosto completamente entristecido, mãos algemadas para cima, olhando para a câmera, com olhar de piedade, para que não reste dúvidas ao leitor do nosso país cristão de que ele está arrependido do crime que cometeu. A legenda “À noite, eu grito por Deus” reforça o arrependimento. A foto, de autoria de Jefferson Coppola, fotógrafo da revista, foi tirada exclusivamente para a reportagem (Veja, 2017).



Figura 13. O assassino de Mayara ganha espaço na *Veja* para pedir perdão ao Brasil
Fonte: *Veja*, 2017

A *Veja* (2017) não deixou dúvidas de que o acusado assumiu o crime sozinho. A entrevista não começa com os detalhes do crime, mas com pormenores do suposto romance entre ele e Mayara e com a declaração do assassino de que eles são amantes, pois “tenho namorada”.

O assassino também diz ter praticado o crime motivado pelo ódio por ter “bebido e cheirado”, mas “depois que tudo aconteceu, chorei por mais de duas horas seguidas” (Veja, 2017).

Diz que está arrependido e pede desculpas à família. Em certo momento, é a vítima que vira algoz, tendo em vista que destruiu a vida do assassino, “minha vida está destruída. Eu ia me casar, estava procurando casa, dei entrada para sacar o FGTS. Agora, não sei o que será de mim. Quando fecho os olhos, vem a imagem da Mayara e o momento do crime. Não tenho religião, mas, à noite, na cela, eu grito por Deus” (Veja, 2017).

O crime contra Mayara aconteceu num momento de grandes retrocessos no país. No mesmo ano, foi aprovada a lei do trabalho terceirizado em todas as atividades das empresas e várias ativida-

des do Estado. Também foi publicada a portaria que terceiriza a Atenção Primária, precarizando ainda mais o Sistema Único de Saúde. As exposições de artes têm sido constantemente alvos de censura.

E mais: duas pautas que colocam em risco o direito das crianças e adolescentes e das mulheres serão votadas ainda este ano, a redução da maioria penal e a proibição do aborto. Esta última poderá vedar, futuramente, inclusive, os casos previstos na Constituição, quais sejam, aborto em caso de estupro, em caso de risco da gestante e em caso de gestação de anencéfalos, conforme já antecipou o relator do projeto, o deputado Jorge Tadeu Mudalen (DEM), segundo jornal *O Globo* (2017).

Conclusão

Conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil está na sétima posição do ranking de países com maior incidência de assassinato de mulheres. Acontecem cerca de dez homicídios por dia. Só nas manchetes estampadas

nos jornais, no exato momento em que esta autora escreve essas linhas, apareceram dois assassinatos ocorridos nas últimas 24 horas. Maria Alcina Gil, morta a facadas por dois adolescentes em Niterói (Rottas, 21/09/2017), e Eugênia Surubi Paraba (G1, 20/09/2017), morta a pedradas no município de Sinop, Mato Grosso. Eugênia foi encontrada com o corpo seminu, evidenciando violência sexual. O suspeito do crime foi encontrado no dia 11 de outubro de 2017. A grande imprensa não noticiou o caso, apenas o portal matogrossense Cenário MT, da mesma data, deu uma nota, onde sequer consta o nome do suspeito, apenas sua alcunha “Cabelo”.

Crimes como os cometidos contra Daniella Perez, Mayara Amaral e Eugênia Paraba, geralmente, são tratados pela imprensa como “crimes passionais”. Entretanto, segundo a pesquisadora Nádia Lapa, tais crimes não são motivados por amor. “Amor não mata; o que mata é a sensação de poder que o ex-parceiro tem sobre a vítima. O criminoso tem certeza que a vítima lhe pertence. ‘Se ela não for minha, não vai ser de mais ninguém’”, explica Nádia. Para ela, isso significa a total desumanização da mulher, na medida em que ela se torna um objeto do qual alguém tem a propriedade.

Daniella, como ficou evidenciado nos depoimentos de Pádua para os jornais, nada mais era que um objeto para alçá-lo à fama. Em 23 de janeiro de 1997, uma declaração de Pádua ao jornal O Globo deu a exata dimensão da sua obsessão pela fama, além de explicitar a objetificação de Daniella, mesmo depois de morta, para alcançar o objetivo: “O seio esquerdo de Daniella ficou desnudo. Aquilo me chocou. Cobri o seio, ajeitei os braços que estavam para cima, para que não ficasse tão feia. Eu sabia que ela seria fotografada depois”.

As fotos foram exaustivamente utilizadas para definir Daniella ora como santa, em imagens em que um de seus personagens aparece vestida similarmente à Virgem Maria, ora como prostituta – figura, como já citado neste artigo, moralmente rejeitada pela sociedade –, em que Daniella aparece com roupas sensuais, batom vermelho, salto alto e, principalmente, quando está ao lado do assassino, em insinuações de romance entre os dois.

Conforme Biancarelli (1997, p. 5), enquanto “os movimentos de mulheres querem colocar suas informações e opiniões. A mídia quer a notícia atraente”. O caso Daniella Perez ilustra bem essa afirmação. O sensacionalismo das capas da Revista TV Amiga, que contradiz as matérias internas, demonstra a busca pelo atrativo, pelas ven-

dagens. Da mesma forma, as matérias com o assassino Guilherme de Pádua, que apelaram para o sensacionalismo ao veicular entrevistas nas quais ele narra detalhes da expressão facial da vítima ao morrer.

Na análise feita neste artigo, percebe-se que os discursos predominantes na mídia são sempre dos opressores que estão no topo da pirâmide social: homens, brancos, heterossexuais, classe média alta, ou seja, os formadores de opinião que comandam os grandes veículos de comunicação do país e atendem aos interesses dos patrocinadores.

As jornalistas que produzem, assinam e editam as matérias, em poucas ocasiões, como as que abordaram o caso Mayara Amaral na Revista Cláudia, no HuffPost Brasil e no El País Brasil, têm autonomia para utilizar os veículos de comunicação como espaço de luta contra a violência.

Analisando o histórico de representação da mulher nos veículos de comunicação, desde o caso Daniella Perez até hoje, pode-se dizer que a luta feminista contra a desconstrução da imagem das mulheres na mídia, presente na terceira onda, tem exercido um importante papel na construção dessa representação. Há avanços, apesar de lentos e poucos.

Por fim, é importante ressaltar que realizar tais análises é fundamental, inicialmente, para questionar a maneira como a mídia tem retratado e repercutido a violência contra a mulher e, desta forma, incentivado e motivado mais violência machista e misógina.

Referências

- (2017, setembro 20). Boliviana é encontrada morta com o rosto desfigurado em MT. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/boliviana-e-encontrada-morta-com-o-rosto-desfigurado-em-mt.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2017.
- (2017, agosto 27). Antônio Pimenta Quis Bloquear Carreira de Sandra Gomide. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u8608.shtml. Acesso em: 20 set. 2017.
- (2016, mai. 29). O próprio delegado me culpou. *O Globo*. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/o-proprio-delegado-me-culpou-diz-menor-que-sofreu-estupro-no-rio.html>. Acesso em: 16 set. 2017.

- (2016, mai. 26). Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. *GI*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acesso em: 20 set. 2017.
- (2010, jul. 9). Cronologia do caso Eliza Samúdio. *GI*. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/cronologia-do-caso-eliza-samudio.html>. Acesso em: 21 set. 2017.
- (2010, abr. 8). Programa do Ratinho. Entrevista com Guilherme de Pádua. *SBT.YouTube*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=hI_KXb_X0s. Acesso em: 2 out. 2017.
- (1993, jan. 19). Daniella Perez, uma Santa para os fãs em busca de milagres. *Amiga TV Tudo*. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com.br/>. Acesso em 2 out. 2017.
- (1993, jan. 3). Globo Repórter Especial Daniella Perez. *Globo YouTube*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=E0C-z3vazXs&t=2s. Acesso em: 2 out. 2017.
- (1993). Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro. *Acervo eletrônico. Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://app.tjrj.jus.br/museu-expo-crimes-rj/04/files/assets/downloads/publication.pdf>. Acesso em: 24 set. 2017.
- (1992, dez. 30). Daniela Perez, Enchendo a vida de música e de dança. *Amiga TV Tudo*. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com.br/>. Acesso em 2 out. 2017.
- (1992, dez. 30). O crime que fez o Brasil chorar: a brutal morte de Daniella Perez. *Amiga TV Tudo*. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com.br/>. Acesso em 2 out. 2017.
- Amaral, P. (2017, julho 27). Quando escrevem que Mayara era a ‘mulher achada carbonizada’ que foi ensaiar com a banda, ela está em uma foto como uma menina. Quando a suspeita envolvia ‘namorado’ hipersexualizam a imagem dela. Quando a notícia fala que a cena do crime é um motel, minha irmã aparece vulnerável, molhada na praia. Quando falam da inspiração de Mayara, associam-na com a história do pai e avô e a foto muda: é ela com o violão, porém com sua face cortada. Esse tipo de tratamento não representa quem minha irmã foi. Isso é desumanização. Post do *Facebook*. Disponível em: www.facebook.com/photo.php?fbid=1637173466326965&set=a.884418651602454.1073741829.100001029836854&type=3&theater
- Azevêdo, S. R. dos S. (2011). *A Violência de Gênero nas Páginas de Jornais*. Projeto de Pesquisa. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande.
- Biancarelli, A. (1997). Doença em foco: As reportagens sobre AIDS publicadas pela Folha de São Paulo. *Revista USP*, 33: 137-147.
- BRASIL, CONSTITUIÇÃO (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 14 set. 2017.
- Brasil, Presidência da República, Secretaria Geral. (2015). *Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil/Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude*. Brasília: Presidência da República.
- Campbell, U. (2017, ago. 15). A confissão do assassino de Mayara: fui movido pelo ódio. *Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/fui-movido-pelo-odio/>. Acesso em: 7 out. 2017.
- Consolim, V. H. (s.d.). O que pede a terceira onda feminista? Justificando. *Carta Capital*. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>. Acesso em: 1 out. 2017
- Correia, V. A. A. (2007). *Caso Champinha: o papel da imprensa paulista na consolidação de uma mentalidade social punitiva*. Monografia, Universidade de Santo Amaro, São Paulo.
- Cortecerto, J. dos S. (2016, dez. 30). Há 40 anos, assassinato de Ângela Diniz parou país. *Folha*. Disponível em: <http://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2016/12/30/ha-40-anos-assinato-de-angela-diniz-parou-pais/>. Acesso em: 20 set. 2017
- Cruz, S. U. (2008). A Representação da Mulher na Mídia: Um Olhar Feminista sobre as Propagandas de Cerveja. *IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

- Frias, S. (2017, jul. 29). Assassinato de jovem professora a marteladas choca MS e 3 são presos. *Folha S. Paulo*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1905379-assassinato-de-jovem-professora-a-marteladas-choca-ms-e-3-sao-presos.shtml. Acesso em: 2 out. 2017.
- Jesus, J. G. de. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília.
- Lapa, N. (2013, out. 16). Crime passional: não é amor, é poder. *Carta Capital*. Disponível em: www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que-crime-passional-nao-e-amor-e-poder-9225.html. Acesso em: 30 set 2017.
- Machado, M. (2017, jul. 27). 'Não dá pra entender', diz pai de musicista assassinada em motel de Campo Grande. *Bom dia, MS*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/nao-da-para-entender-diz-pai-de-musicista-assassinada-em-motel-de-campo-grande.ghtml>. Acesso em: 2 out 2017.
- Maria, G. (2017, nov. 15). Caso Daniella Perez. *Globo. YouTube*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=hNjF7zMb1as&t=103s. Acesso em: 2 out. 2017.
- Martín, M. (2017, jul. 29). Mayara Amaral, a violonista de Campo Grande morta duas vezes. *El País. Bonito*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/30/politica/1501370790_128982.html. Acesso em: 16 set. 2017.
- Perez, L. (2016, out. 4). Quando a violência contra a mulher vira espetáculo na mídia: o que aprendemos com o caso Eloá. *Agência Patrícia Galvão*. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/noticias-violencia/quando-violencia-contra-mulher-vira-espetaculo-na-midia-o-que-aprendemos-com-o-caso-eloal/>. Acesso em: 30 set. 2017.
- Pinho, D. (2009, jul. 9). O crime que fez mudar a lei de crimes hediondos. *Conjur*. Disponível em: www.conjur.com.br/2009-jul-09/imagens-historia-crime-fez-mudar-lei-crimes-hediondos. Acesso em: 1 out. 2017.
- Rago, M. (2016). In R. B. Estimado, T. Fortunato, J. F. A. Cruz, M. C. N. Hotimsky & A. D. Bassani (entr.), *Humanidades em Diálogos* (p. 17). Unicamp.
- Reif, R. (2015, ago. 11). "Ele é um grande manipulador", diz ex-mulher de Guilherme de Pádua. *O Dia*. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2015-08-11/ele-e-um-grande-manipulador-diz-ex-mulher-de-guilherme-de-padua.html>. Acesso em: 7 out. 2017.
- Rezende, M. (2012, dez. 9). Guilherme de Pádua fala do Crime. *Rede Record. YouTube*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=1jLfXr_622s. Acesso em: 2 out. 2017.
- Ribeiro, D. (2014, nov. 25). As diversas ondas do feminismo. *Carta Capital*. Disponível em: www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html. Acesso em: 1 out 2017.
- Rocha, C. (2012, dez. 23). Após ser solta, Paula Thomaz se tornou aluna de quem a acusou. *GI*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/apos-ser-solta-paula-thomaz-se-tornou-aluna-de-quem-acusou-7125136>. Acesso em: 7 out. 2017.
- Rottas, L. (2017, set. 21). Mulher é assassinada a facadas por menor de 15 em São Gonçalo. *O Fluminense*. Disponível em: www.ofluminense.com.br/en/polícia/mulher-é-assassinada-facadas-por-menor-de-15-em-são-gonçalo. Acesso em 21 set. 2017.
- Rouvenat, F. (2016, jun. 8). Jogador presta mais esclarecimentos sobre caso de estupro coletivo no Rio. *GI*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/jogador-presta-mais-esclarecimentos-sobre-caso-de-estupro-coletivo-no-rio.html>. Acesso em: 20 set. 2017.
- Sampaio, P. (2006, out. 15). Guilherme de Pádua, livre há sete anos, diz se sentir preso. *Folha*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u127056.shtml#_=_. Acesso em: 1 out. 2017.
- Schwartzman, S. (1977). Doca – porque matei a mulher que amava. *Manchete*, Ano 24, nº 1293, Rio de Janeiro: 29/01/1977.
- Vasconcelos, M. E. M. & Augusto, C. B. (2015). Práticas Institucionais: revitimização e lógica familista nos JVDfMs. *Direito em Movimento*, 2º sem., 23: 47-100. Rio de Janeiro.

Zaidan, P. (2017, jul. 28). Três homens contra Mayara Amaral. Ela está morta. Carbonizada. *Revista Cláudia*. São Paulo. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/blog/col>

[una-da-patricia-zaidan/tres-homens-contra-mayara-amaral-ela-esta-morta-carbonizada/](https://claudia.abril.com.br/blog/col/una-da-patricia-zaidan/tres-homens-contra-mayara-amaral-ela-esta-morta-carbonizada/). Acesso em: 16 set. 2017